



MACARATÚ RURAL OU DE BAQUE SOLTO DA MATA NORTE DE PERNAMBUCO: CULTURA E DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR

Renata Maria da Silva

Universidade Católica de Pernambuco

renata.00000831363@unicap.br

RESUMO: Este trabalho discute a importância do Maracatu rural, também conhecido como maracatu de baque solto da zona da mata norte de Pernambuco, é uma manifestação cultural de matriz africana que se popularizou na região, devido o cultivo da cana de açúcar nos engenhos pela população negra escravizada, apesar de ser uma cultura local, é negligenciada pelo poder público, falta estratégias para valorização destes artistas, bem como a comunidade escolar também pode se valer desta cultura para trabalhar de maneira interdisciplinar sob égide das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Palavras-chave: Maracatu rural. Pernambuco. Cultura. Educação étnico-racial.

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute o maracatu rural, também conhecido como maracatu de baque solto, o qual por sua vez é um folguedo de origem africana, oriundo da mata norte do Estado de Pernambuco, considerado patrimônio imaterial do Estado, tombado pelo IPHAN, tendo a cidade de Nazaré da Mata –PE, como polo da tradição, a qual detém o maior número de grupos, e também os mais antigos, a exemplo do Maracatu Cambinda brasileira, mais de 100 anos de fundação.

O objetivo geral desta pesquisa é divulgar o folguedo, valorizar a cultura afro-brasileira e correlacionar a brincadeira popular ao ensino pedagógico formal da educação básica, mediante o preconizando pela legislação educacional brasileira em suas Leis 10.639/03 e 11.645/08, que obriga o ensino da cultura afro-brasileira e indígena no país, nos ensinos fundamental e médio, nas escolas pública e privada.

Na pesquisa discute-se a origem do maracatu rural, sua tradição na mata norte pernambucana, as características e organização da brincadeira, sua correlação com o sincretismo religioso afro-brasileiro, é dado enfoque a dificuldade enfrentada pelos grupos de maracatu na região, por fim é ressaltado a utilização do maracatu enquanto recurso cultural no processo de ensino e aprendizagem das escolas.

Sobre isto Nilma Lino Gomes (2017, p.68) vem afirmar que: “Os saberes expressos nesses documentos ainda não são devidamente considerados enquanto tais pelo campo do conhecimento e pela teoria educacional. Trata-se de uma disputa, principalmente no campo dos currículos.”

O trabalho da História sobre uma perspectiva descolonizadora passa pela ressignificação da cultura, literatura e produção afro-brasileira, como ser um professor antirracista se nossos planejamentos estão ausentes de personagens, e da temática negra? É aí que surge o desafio, o conflito curricular que na maioria das vezes mesmo implicitamente valoriza o discurso da branquitude.

Assim combater o epistemicídio que ao longo da história subalternizou toda e qualquer manifestação de povos considerados inferiores intelectualmente, é um dever de todo educador comprometido com uma educação plural, diversificada e inclusiva.

Dada a grandiosidade do tema, é ciente de que este breve trabalho é incapaz de discutir por si só toda a história do maracatu rural e seu legado cultural para o Estado, mas fica plantada a semente para todos educadores e historiadores pernambucanos, adentrarem na luta pela descolonização do currículo escolar; viva o maracatu rural de Pernambuco, viva a cultura afro-brasileira, viva a cultura popular, pronto viajar na cultura da mata norte pernambucana?

OBJETIVO GERAL: Compreender o maracatu rural enquanto manifestação artístico cultural de Pernambuco, ligada à tradição de matriz africana, destacando sua importância e significado enquanto recurso pedagógico nas aulas da Educação básica de forma interdisciplinar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Diferenciar maracatu rural de maracatu de nação.
- Sensibilizar as pessoas á respeito da importância em estudar a cultura local.

- Valorizar a cultura pernambucana e afro-brasileira.
- Descolonizar o currículo e as práticas de ensino em História.

METODOLOGIA

A pesquisa terá abordagem qualitativa, do tipo descritiva, utilizando como procedimento estudo bibliográfico e documental, com análise temática, o objeto de estudo será o maracatu rural, folguedo tradicional na Mata Norte de Pernambuco, sua ligação á cultura afro-brasileira, como ele pode ser estudado em sala de aula enquanto instrumento descolonizador do currículo.

O trabalho detalha a caracterização do folguedo, diferenciando maracatu rural de maracatu nação, sua ancestralidade e origem, as dificuldades enfrentadas pelos grupos artísticos na Mata Norte de Pernambuco, possíveis alternativas para construção de uma valoração à esta tradição, finalizando com o seu uso em sala de aula, na desconstrução do currículo colonizador.

RESULTADOS

Origem do maracatu Rural/ de baque solto

Maracatu significa (dança ou cortejo real), é uma palavra sob a qual sua origem é alvo de querelas entre historiadores, mas a versão mais aceita é a provável formação a partir de dois vocábulos das línguas africana “maracá” que significa (instrumento de percussão) e “catu” de origem indígena significa (bom, bonito); inicialmente convém diferenciar o Maracatu, existem 2 tipos, o rural ou baque solto e o maracatu nação ou de baque virado.

O mais conhecido é o maracatu nação ou de baque virado predominante na região metropolitana do Recife, no qual existe a presença de uma corte, simbolizando os reis e rainhas africanos; o segundo o Maracatu Rural ou baque solto, objeto deste estudo, assim como o anterior também é uma manifestação cultural de origem africana, mas oriundo da zona da mata norte de Pernambuco, nele a figura central é o caboclo de lança, personagem que será mais detalhado posteriormente.

A origem do maracatu rural remete as senzalas dos engenhos de cana de açúcar de Pernambuco, onde os negros escravizados faziam os seus batuques com instrumentos improvisados, com o passar do tempo trabalhadores rurais destes mesmos engenhos começaram a se reunir em períodos festivos, principalmente no carnaval e páscoa para comemorar, agora de uma maneira mais sofisticada e ornamentada; Este folguedo associa elementos da cultura afro: dança, ritmo, música, religião, poesia e versos de improvisos cantados pelos mestres.

A zona da mata norte de Pernambuco, região natal do Maracatu Rural é composta pelos municípios de (Carpina, Goiana, Timbaúba, Nazaré da Mata, Aliança, Ferreiros, Vicência, Tracunhaém, Itaquitanga, Condado, Camutanga, São Vicente Férrer, Araçoiaba, Buenos Aires, Macaparana, Lagoa do Carro, Lagoa de Itaenga e Paudalho). Apesar de estar presente em todos estes municípios, é em Nazaré da Mata que a cultura se destacou, em toda sua estrutura pública existem monumentos em homenagem ao maracatu rural.

Nazaré da Mata- PE berço do maracatu rural/ de baque solto

Nazaré da Mata é uma cidade localizada a cerca de 70 KM de distância do Recife, localiza-se na Zona da Mata Norte pernambucana, é conhecida nacionalmente como terra do maracatu rural, através da Lei Estadual 14.163/10 o maracatu rural tornou-se patrimônio cultural imaterial de Pernambuco, o que confere aos grupos maior destaque no cenário cultural.

No município existem dezenas de nações de maracatu, tendo o Cambinda brasileira com mais de um século de formação, outro destaque dos grupos de maracatu é a importância que se dá ao folguedo por parte da população local, pois emprega e gera renda, mesmo que de maneira sazonal, desde os artesãos que confeccionam as vestes dos caboclos, aos brincantes, e atualmente ainda existe a inclusão em alguns grupos, com caboclos de lança formados por mulheres, idosos e crianças.

Simbologia do maracatu Rural/ de baque solto

Os brincantes em geral são moradores da cidade, figuras típicos da região: agricultores, cortadores de cana, trabalhadores ambulantes, os quais brincam por diversão e paixão a cultura popular, passam o ano todo juntando economias para comprar suas vestimentas que são muito coloridas e encomendadas sob medida em artesãos especializados nesta arte.

A apresentação do maracatu rural é chamada sambada, ocorre principalmente na páscoa e no carnaval com ensaios que ocorrem no ano inteiro, a sambada é composta geralmente por 2 grupos de maracatu rural distintos, soando como um desafio de um mestre para o outro, onde são realizados versos de improviso conhecidos como (loas), no momento da entoada os caboclos permanecem parados, após a recitação é feita a apresentação no meio do palco, que se dá geralmente em praças públicas e locais abertos.

A sambada é realizada nos meses que antecedem o carnaval. São eventos onde se apresentam “à paisana” os personagens dos maracatus; geralmente abertos ao público, ocorrem tanto nos seus espaços próprios – os terreiros – quanto nas cidades. Consiste, em

síntese, em um momento em que as habilidades dos mestres de maracatu de caboclos de lança são postas à prova. Um grupo de maracatu, geralmente o promotor do evento, convida outro grupo para a sambada. Esse convite pode ser compreendido como um desafio, cuja sambada é o palco. (BESSONI E SILVA, 2021, P.120.)

Quanto aos caboclos de lança possuem indumentária peculiar formada por:

- Guiada: objeto sob o qual o caboclo se apoia e dança, uma espécie de lança decorada com fitas coloridas;
- Surrão: armadura de madeira com chocalhos pendurados, responsável por fazer barulho na apresentação e apoiar a veste principal;
- Chapéu e peruca: enfeitam a cabeça com uma espécie de cabeleira de tiras finas e cintilantes;
- Gola: principal característica decorativa, sobre o caboclo é bem decorada com miçangas e lantejoulas iluminadas.

Já os mestres do maracatu rural são os poetas da terra, que recitam as loas e representam a autoridade máxima do maracatu, a maioria recebe admiração e respeito da população local, as loas apresentam em suas letras a realidade local dos engenhos, os sonhos das pessoas e realidades sociais.

Do sincretismo religioso do maracatu rural/ de baque solto

A dimensão religiosa de matriz africana está muito presente no maracatu de baque solto, exigindo dos caboclos de lança e dos demais integrantes do grupo um preparo prévio antecedente a sambada, quem não a realiza, está sujeito a “supostos castigos” dos maus espíritos em questão, o cravo na boca utilizado pelos caboclos é o símbolo visível deste sincretismo religioso, serve como uma proteção.

Nas interlocuções com os detentores do baque solto, o assunto religião sempre é mencionado, tratado com deferência, seriedade e orgulho. O respeito aos ritos e obrigações religiosas é capital para se ter paz e harmonia, para ficar protegido. Ouvimos histórias de ônibus que se quebraram em deslocamento para apresentações no Recife por causa de um “calço” mal-feito. Interditos religiosos e o calço também atingem membros folgazões, antes e durante o carnaval. Embora se fale bastante no assunto, essa questão tem vários aspectos e nuances nunca revelados para não folgazões, ou mesmo para brincantes que não se interessem muito por seguir tais rituais. A relação com as entidades espirituais faz parte do segredo do maracatu. (BESSONI E SILVA, 2021, p. 123).

Neste aspecto segundo o autor acima, é impossível dissociar culto religioso de matriz africana, do maracatu de baque solto, porém cada grupo em geral tem relação com uma religião

específica podendo ser Jurema, candomblé, umbanda, que geralmente ocorrem em terreiros fazendo reverência aos caboclos que na tradição representam os orixás a quem são consagrados nos ritos.

Os caboclos neste segmento religioso representam guerreiros, e existe uma espécie de hierarquia na apresentação, na frente conduzindo o grupo vai o mestre caboclo, o qual abre espaço para os demais passarem, outra personagem de grande destaque na apresentação é a Dama do paço ou dama da boneca, é uma mulher que carrega uma boneca pequena nas mãos, feita de madeira, cera ou um brinquedo comum decorado.

O objetivo da boneca segundo os seguidores do maracatu é conferir proteção ao grupo, protegendo de maus espíritos e maus olhados, e qualquer outro integrante do grupo que pegar a boneca, poderá trazer “má sorte ao grupo”, toda essa preparação deve ser feita no culto religioso de ligação ao grupo de maracatu.

Necessidade de maior valorização do maracatu rural/ de baque solto

Um problema relatado pelos participantes dos grupos de maracatu rural é o apagamento cultural dado a eles no próprio Estado, no qual se apresentam com maior frequência de maneira remunerada nos períodos festivos, principalmente no carnaval, em geral abrindo os shows de atrações consideradas principais, artistas de fora, do sul do país.

Preterição esta que é dada pelo próprio setor público, que paga cachês abissais a tais artistas que levam o dinheiro para fora do Estado, em contrapartida remuneram com quantias irrisórias os grupos de maracatu rural que tem em sua formação cidadãos que gastam o valor recebido na própria economia local.

Apresentam-se em várias cidades do Estado, cobrindo os 4 dias da folia de momo, tendo despesas exorbitantes com transporte e alimentação dos participantes, o que sobra é muito pouco para dividir entre os membros de maneira equilibrada e justa, o que faz alguns desistirem de participar prejudicando as apresentações, que em geral são competições.

Nesta ótica o que pode ser feito enquanto sociedade para que estes grupos possam ser mais valorizados? O porquê o maracatu rural apesar de ser patrimônio imaterial permanece no apagamento? Um verdadeiro paradoxo a ser refletido.

Para responder este questionamento muitos podem argumentar que devido ao gosto e interesse do grande público por artistas de repercussão nacional, as nações de maracatu locais ficam no apagamento; não se pretende aqui debater isto, mas cabe outra interrogação, como as pessoas vão valorizar o desconhecido? Qual o espaço que a grande mídia e o governo local abre para estes grupos?

É de claro entendimento o poder que a mídia exerce sobre quem deve ser lembrando e quem deve ser esquecido, “As políticas do esquecimento precisam ser enfrentadas, já que elas sustentam quadros de memória que banalizam a repetição da exploração e da violência” (SELIGMANN, 2022).

A grande mídia através de sua comunicação, exerce um poder formador de opinião no imaginário das pessoas, suscita admiração, em especial das camadas sociais mais baixas, sem acesso a tantas possibilidades de lazer e cultura, que não sejam os meios de comunicação e tecnologia.

Assim, é de responsabilidade de toda sociedade pernambucana promover a valorização do maracatu rural, a começar pela educação, qual espaço no currículo de Pernambuco é dado ao tema? É necessário levar para sala de aula o assunto, desmistificar o preconceito, tornar o tema de conhecimento dos alunos.

Ao poder público promover a cultura do Estado, fornecer mais subsídios remuneratórios aos grupos, em especial no período de momo, isso impactaria de forma significativa não apenas na vida dos participantes do folguedo, mas de toda economia local, já que é um dinheiro que circularia na economia local.

Mais populares locais empregados, mais jovens envolvidos na cultura no período inverso ao turno escolar, implica em menos violência, melhora do índice de desenvolvimento da cidade, e da região, atraindo turistas e pesquisadores para a localidade, é preciso pensar e investir no maracatu enquanto instrumento de promoção e equidade social.

Maracatu rural/ de baque solto enquanto instrumento pedagógico por uma educação étnico-racial

Sobre o uso do maracatu rural como recurso pedagógico, é sobretudo evitar o epistemicídio dos grupos minoritários da mata norte pernambucana em seu próprio reduto de saber, é valorizar o conhecimento do povo; e assim trabalhar pedagogicamente sob uma perspectiva étnico racial nas escolas públicas locais.

É necessário antes de tudo adaptar os objetivos curriculares às necessidades, interesses, e realidade do aluno, é sob esta ótica que operam as leis 10.639/03 e 11.645/08, tornam obrigatório o ensino da cultura afrobrasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio de rede pública e privada, em todo currículo escolar, com foco nas disciplinas de Artes, Literatura e História.

Neste contexto o maracatu rural é um recurso interdisciplinar de notável importância nas escolas públicas do Estado de Pernambuco, podendo ser implementado em todos os níveis da

educação básica, desde a Educação infantil ao público do ensino médio, por ser um folguedo local, que muitas vezes não recebe a devida valorização das gerações mais jovens, até mesmo por falta de conhecimento sobre o que é de fato cultura popular.

O maracatu rural por ser uma expressão da cultura afro-brasileira, é uma proposta a ser implementada sob as leis já citadas acima, e não somente isso, garante que os saberes locais passem de geração em geração, “as epistemologias do sul nos levam a radicalidade de que devemos avançar na compreensão do pensamento pedagógico como um permanente confronto entre paradigmas de educação, conhecimento, de valores e do humano”. (LINO GOMES, p. 54, 2017).

Neste contexto de fala a autora em questão coloca o termo epistemologias do sul como um conjunto de epistemologias literárias e culturais que denunciam a subjugação, marginalização e preterição dos conhecimentos dos colonizados pelo colonizador; neste caso o maracatu rural ou de baque solto.

É necessário como cita Lino Gomes, ser radical, confrontar qualquer forma de ensino que exclua os saberes afro-brasileiros, que desconsiderem a contribuição africana na formação da sociedade, é necessário reavaliar e revisar sob qual paradigma se baseia os processos educacionais na escola pública.

Tomando como base o trabalho com maracatu rural na disciplina de História, a metodologia de ensino deve ser bastante diversificada e rica, inicialmente é necessário o educador realizar um debate, escutar a turma, fazer perguntas conforme a faixa etária do aluno, sobre o que eles já sabem sobre o assunto, em seguida trazer imagens, vídeos e ilustrações.

É importante quando possível trazer brincantes do folguedo, ou levar os alunos à clubes/sedes das agremiações, para que eles possam romper preconceitos que muitas vezes pairam no imaginário coletivo por processos colonizadores socialmente impostos; ressaltando-se que não pretende-se de forma alguma obrigar o aluno a participar da manifestação em debate, mas a conhecer sua cultura, desconstruir estigmas, escutar, dialogar, se expressar.

E não fica restrito à aulas de História apenas, por ser um símbolo de resistência da população negra, ter surgido nas senzalas açucareiras dos engenhos da mata norte, carrega consigo um passado ancestral, nele muitos elementos são representados, suas letras poéticas podem ser utilizadas em aulas de Língua Portuguesa, os elementos e origem em Geografia e assim por diante, envolvendo a interdisciplinaridade no currículo formal.

É urgente e extremamente necessário colocar em pauta nas classes das escolas públicas temáticas afro-brasileiras e culturais, colocando em papel protagonista povos que foram historicamente e epistemologicamente apagados pela ação brutal da branquitude.

CONCLUSÃO

O maracatu rural remete à população negra escravizada nos engenhos de cana de açúcar da mata norte pernambucana, atualmente resiste através das novas gerações, no entanto esta arte ainda encontra dificuldades, como a falta de investimento financeiro por parte do poder público, um verdadeiro malabarismo é feito pelos grupos, para colocarem suas apresentações na rua nos períodos festivos, dado o escasso recurso material.

Diferente do maracatu nação, o destaque no maracatu de baque solto está no caboclo de lança, símbolo cultural do nosso Estado, esta cultura é oriunda da mata norte pernambucana, tendo os canaviais locais como palco, representa força, ancestralidade, religiosidade e militância da população negra; na letra do maracatu Piaba de Ouro, interpretada por Lula Queiroga, registra-se em poucas palavras a simbologia do maracatu rural:

“Hoje eu não quero saber, Hoje eu não sei de nada, Eu só quero escutar esse baque Que faz o meu corpo arrepiar, É de maracatu é de jóia rara, É o meu Pernambuco de pé Quero subir para ver, Caboclo de lança no alto da sé.” (Lula Queiroga)

Para além da atividade artístico cultural, o maracatu rural na zona da mata norte, representa a afetividade e história daquele povo, na cidade de Nazaré da Mata- PE, berço do folguedo em debate, ruas, prédios e monumentos refletem e demonstram o orgulho por esta tradição, atraindo pesquisadores até mesmo de outras partes do país.

Enquanto recurso de aprendizagem o maracatu rural é de extrema importância pedagógica, podendo ser trabalhado através de sequência didática, de maneira interdisciplinar, em todas as modalidades da Educação básica, por ser um folguedo de matriz africana, contempla o cumprimento às leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e indígena no país.

Ministrar aulas de História para alunos da educação básica, principalmente os de escola pública, sobre a perspectiva descolonizadora do currículo, é educar para emancipação, dando prioridade as epistemologias de grupos que no decorrer da história brasileira foram apagados, silenciados.

REFERÊNCIAS

IPHAN. Maracatu de Baque solto. Disponível

em:[<https://www.youtube.com/watch?v=OIEcKMzCSoy>]. Acesso em: 21 de out. de 2025.

BRASIL. Estado de Pernambuco. Lei nº 14.163, de 17 de setembro de 2010. Considera os Grupos de Maracatu Rural de Nazaré da Mata Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de

Pernambuco. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, s. 1, Recife, 17 set. 2010George Patrick Bessoni e Silva. Maracatu de Baque Solto: de brincadeira a patrimônio cultural. Caderno Virtual de Turismo, 2021, vol. 21, núm. 2, ISSN: 1677-6976.

LINO GOMES, Nilma. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

QUEIROGA, Lula. Piaba de ouro. Intérprete: Lula Queiroga. Letra disponível em <https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/20715/#info> . Acesso em 30 de Nov. de 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**.

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. ISBN 978-85-268-1531-5.

SILVA, George Patrick Bessoni e. “**Maracatu de Baque Solto: de brincadeira a patrimônio cultural**”. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 113-126, 2021.

ISSN 1677-6976.